

**A (TRANS)FORMAÇÃO DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA NA CRÔNICA
“JÁ NÃO SE FAZEM PAIS COMO ANTIGAMENTE”, DE LOURENÇO
DIAFÉRIA¹**

**THE (TRANS)FORMATION OF THE CONTEMPORARY FAMILY IN THE
CHRONICLE “JÁ NÃO SE FAZEM PAIS COMO ANTIGAMENTE”, OF
LOURENÇO DIAFÉRIA**

Aroldo José Abreu Pinto²
Simeire da Silva Santos³

“a crônica nada mais é que as palavras que elas [os leitores] gostariam de ter escrito”
Lourenço Diaféria

RESUMO

Este apanhado de reflexões objetivou evidenciar alguns aspectos da crônica “Já não se fazem pais como antigamente”, de Lourenço Diaféria, tanto pela forma quanto pelo conteúdo representados. Acreditamos que, percebendo certas nuances propostas na narrativa diaferiana, o leitor, além de suprir num primeiro momento suas necessidades básicas de ficção e fantasia, entra em contato com uma visão de mundo que subverte, já a partir do título, uma visão patriarcal estabelecida de família e de comportamento dos filhos, com uma visão crítica sobre as transformações sociais e de perfil pelas quais passam e/ou passaram essas famílias do século XXI. Como respaldo teórico e metodológico, utilizamo-nos das concepções de Antonio Candido (1992, 1995), Mikhail Bakhtin (2011), Umberto Eco (2005), Walter Benjamin (1994), Massaud Moisés (1995), Leyla Perrone Moises (2006), entre outros.

Palavras-chave: Crônica, Lourenço Diaféria, Modo de representação, Conteúdo representado, Conceito de família.

ABSTRACT

¹ Este trabalho está associado a um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Acervo de Ricardo Ramos: disponibilização e organização de 1975 - 1980”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil e do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Sociedade: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3924794138215956.

²Doutor em Letras pela UNESP/Assis-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT, Tangará da Serra-MT, Brasil. orcid.org/0000-0002-0424-151X. E-mail: aroldoabreu@unemat.br

³Mestranda em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, Tangará da Serra-MT, Brasil. E-mail: simeire.santos@unemat.br

This summary of reflections aimed to evidence some aspects of the chronic “Já não se fazem pais como antigamente”, by Lourenço Diaféria, both by the form as by the content represented. We believe that, perceiving certain nuances proposed in the diaferian narrative, the reader, in addition to supplying at first moment his basic needs for fiction and fantasy, he comes into contact with a world view that view that subverts, right from the title, na established patriarchal view of the family and the behavior of children, with a critical view of the social and profile transformations that the 21st century families go through. As theorrtical and methodological support, we used the concepts of Antonio Candido (1992,1995), Mikael Bakhtin (2011), Umberto Eco (2005), Walter Benjamin (1994), Massaud Moisés (1995), Leyla Perrone Moises (2006), among others.

Keywords: Chronic, Lourenço Diaféria, Representation mode, Represented contente, Concept of family.

Considerações iniciais

A literatura provoca no leitor diversos efeitos de sentido que lhe possibilitam estabelecer relações com o mundo real. Isto se deve à discursividade presente no texto que aproxima o leitor dos fatos narrados por processo de identificação leitor e obra. Sendo assim, o estudo das obras literárias interessa também como experiência humana, pois a literatura é uma manifestação desta no universo ficcional.

Nesse sentido, a crônica em estudo, “Já não se fazem pais como antigamente”, de Lourenço Diaféria, propõe a discussão sobre o conceito patriarcal de família. Por meio de um sarcasmo sagaz e agudo, discute o posto de superioridade que a sociedade patriarcal tem legitimado ao homem em referência aos demais membros da família. Além disso, elucida ao leitor as novas formações de família na sociedade contemporânea, revelando o rompimento do modelo tradicional socialmente estabelecido.

Diaféria registra os problemas das relações sociais entre homem e mulher, a ausência da figura paterna na formação das famílias contemporâneas e a divisão sexual da educação dos filhos não raramente pautada nos moldes tradicionais. Provoca uma profunda reflexão sobre o fato de a mulher assumir diferentes papéis frente às responsabilidades familiares. Permite refletir acerca dos modelos de família contemporâneos, que, por sua vez, apontam para uma crescente ressignificação do

conceito de estrutura familiar e revisão do que se pode/deve valorizar enquanto ambiente familiar tradicional.

Este estudo traz, portanto, a princípio, algumas considerações sobre o gênero crônica e sua importância para a literatura, visando situar o leitor para algumas das particularidades dessa produção ficcional. Na sequência, fazemos alguns apontamentos sobre o enredo e seu formato e, como última parte do nosso estudo, procuramos discutir elementos da forma e do conteúdo diaferiano que ressaltam a família em transformação e a mulher como elemento de sustentação familiar.

Em direção à crônica...: um gênero do cotidiano

A literatura funciona como uma resposta à necessidade dos indivíduos, que mergulhados na poesia, na anedota, no trocadilho, ou em qualquer outra forma de ficção, satisfaz suas necessidades de fantasia (desejo, sentimento, fato) assim, promove um equilíbrio socioemocional. Nas palavras de Antônio Candido (1972, p. 804), a produção e fruição da literatura “se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares”. Logo, ela é considerada fator indispensável para humanização do homem, pois atua em sua formação e possibilita a sensação de completude dos indivíduos no seu meio social.

Essa “necessidade”, proposta por Candido, pode ser suprida indiferente de gênero, como dissemos anteriormente. Entretanto, a crônica possui a particularidade única entre os demais de se associar à “ficção e fantasia” diárias por ser um gênero híbrido, curto, considerada por muitos críticos como simples e que trata de assuntos do cotidiano de uma forma livre, aparentemente despreziosa, recriando o cotidiano por meio da fantasia.

Eis a razão para que a crônica (erroneamente) seja vista como um gênero menor. O jornal, seu veículo de comunicação, é responsável pelo seu caráter transitório e fugaz, além de uma tênue aproximação com a matéria jornalística. No entanto, isso não quer dizer que o cronista pretenda ser um repórter do dia a dia, mas sim “o poeta ou ficcionista do cotidiano, buscando revelar dos acontecimentos sua porção inerente de fantasia” (MOISÉS, 1995, p. 104). Desse modo, a crônica parte da realidade gerando

um mundo novo posterior a sua elaboração. Esse gênero denuncia, evidencia e recria a realidade através do universo ficcional, produzindo diversos efeitos de sentido em nós, leitores.

Em sentido amplo, a crônica fornece possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas diários e comuns. Isto porque, “os valores que a sociedade preconiza, ou considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção” (CANDIDO, 2011, p. 177). A forma como a narrativa é construída dá ao leitor a impressão de estar em contato com aquela realidade, aprendendo e participando dela como se também a vivenciasse, como se tivesse envolvido nos problemas que ela suscita uma vez que os temas e assuntos dela são comuns ao ser humano.

“Já não se fazem pais como antigamente” – o enredo

A narrativa de Diaféria, “Já não se fazem pais como antigamente”, cumpre bem o papel proposto pela crônica, pois faz com que o leitor se veja por detrás ou entre os espaços da narrativa. Permite ao leitor se identificar, ora com o filho, ora com a mãe, diante das necessidades afetivas e perante a atuação masculina. A trama permite ao leitor comparar o posicionamento e a configuração familiar diaferiana com a que vivencia/conhece. Isto é, permite ao leitor ver a própria família refletida (ou não) no enredo.

A narrativa inicia com o detalhamento da chegada de uma caixa grande na casa de um garoto acompanhada de instruções sobre como manusear a caixa e a associação à uma geladeira. Nesse momento, a narrativa cria um laço com o leitor que, assim como o personagem do menino, começa a se questionar sobre o que estaria dentro da caixa. Provoca, deste modo, o leitor a criar expectativas e a esperar com o personagem pela chegada “à noitinha” da mãe.

A curiosidade do personagem-mirim é ampliada nos parágrafos seguintes diante da negativa da mãe em esclarecer ao garoto do que se tratava tal caixa, a ponto de o personagem sonhar com o equipamento. A curiosidade é sanada somente no dia seguinte quando “dois” técnicos chegam para “em meia hora” montar um boneco que tinha (re)ações parecidas com a de um homem.

A crônica segue descrevendo a reação e os sentimentos do garoto diante do “boneco”. O clímax da história é apresentado quando o garoto questiona “— Ele conta

histórias, mãe?”. O desenrolar da narrativa se dá diante à negativa e “indiferença” dos técnicos quanto ao “equipamento paterno” contar histórias. A história tem seu desfecho com a frase comum nos espaços familiares patriarcais de “Vamos lá para dentro. Deixa seu pai descansar”.

O enredo diaferiano expõe ao leitor que a literatura não nasce no vazio, mas de um conjunto de discursos que expressam experiências culturais, ou seja, a criação do mundo ficcional origina-se na realidade, todavia, reinventando-a (MOISÉS, 2006). “Já não se fazem pais como antigamente” provoca o leitor a perceber que a imaginação é a prática de compensação que os sujeitos podem se valer para refazer o real e reconstruí-lo por meio da linguagem, sendo que, eventualmente, no mundo ficcional podemos encontrar um mundo mais satisfatório e preferível ao que vivemos, inclusive (talvez, especialmente) o seio familiar.

Em direção ao conceito de família: uma breve discussão

Segundo Lévis-Strauss (1983) o conceito de família é utilizado para definir um grupo social, no entanto, não se tem um consenso sobre ele, tampouco uma única definição. Esse termo é utilizado para definir um grupo social que tem origem no casamento, sendo formado por marido e mulher, filhos nascidos do casamento, membros unidos por laços jurídicos, direitos e obrigações religiosas, além das proibições. Como se pode notar, o conceito de família se origina a partir de determinações sociais, sendo imposto aos seus membros uma rede de direitos e proibições, em que o casamento é reconhecidamente um laço legal, socialmente aprovado de onde se originam as famílias, geralmente heteronormativas.

O modelo de família conjugal predomina nas sociedades humanas, em virtude de seu grau de desenvolvimento técnico e econômico. Assim, a vida em família existe mesmo em lugares que os costumes educativos e sexuais parecem ser o mais diferente e distante dos nossos. Logo, o conceito universal de família predominante em todas as sociedades, segundo o autor é: “baseada mais ou menos na união duradoura, mas socialmente aprovada, de dois indivíduos de sexos diferentes que fundam um lar, procriam e educam seus filhos” (STRAUSS, 1983, p. 71). Desse modo, o modelo “tradicional” de família que predomina nas sociedades despreza aquelas distintas ao habitual, valendo-se de uma organização social arcaica.

Corroborando ao que Strauss (1983) evidencia acerca da formação de família difundida socialmente por determinações sociais, Bilac (1995) assegura que as estruturas familiares orientam, simultaneamente, as relações internas e externas em termos de divisão de papéis, poder e autoridade, sendo que essas relações são estabelecidas em outras dimensões da vida social e, assim, a família é um conjunto de indivíduos que, além de se serem formados por certas imposições sociais, também estão ligadas aos mesmos costumes e comportamentos.

Nesse sentido, Strauss (1983) afirma que a família é uma composição socialmente aprovada, ou seja, é uma associação econômica formada por fins específicos e de interesses, onde o homem é visto como o provedor do lar e a mulher se presta aos serviços domésticos. Isto significa que o modelo tradicional que prevalece nas sociedades desde as etapas mais antigas da humanidade, da organização social e do costume, é um modelo obsoleto pautado na divisão social do trabalho e vem sendo reproduzido fielmente ao longo dos séculos.

Nesse contexto, se faz notar na crônica “Já não se fazem pais como antigamente” que as desigualdades entre os sexos feminino e masculino continuam presentes na contemporaneidade. A narrativa destaca ainda que, ao assumirem novos papéis no mercado de trabalho, as mulheres ficaram também sobrecarregadas. Isto porque, além das obrigações do emprego e preocupação quanto ao sustento familiar, elas continuam desempenhando suas funções no ambiente familiar (mãe, esposa e serviço doméstico). Assim, a mulher passou a assumir também o papel do pai na vida dos filhos e, por metáfora diaferiana, a figura paterna tornou-se apenas um boneco em casa. Sem nenhuma função, a não ser repetir frases feitas.

A (trans)formação da família contemporânea presente já no título dado por Diaféria

Para Bakhtin (2011, p. 29) “nenhum ato cultural criador tem relação com uma matéria indiferente a valores, totalmente casual e desordenada”. A obra se relaciona com conhecimentos que estão ordenados dentro de uma realidade já elaborada, mas que requerem do leitor enxergar além do factual, pois a obra é viva e literariamente significativa e isso se deve aos processos cognitivos, sociais, políticos, religiosos e

econômicos do mundo real que interagem com a mesma, produzindo e veiculando diversos sentidos no leitor.

Moisés (2006) assegura que a literatura nasce de uma falta que é sentida no mundo e que se pretende suprir pela linguagem. Desse modo, depreende que o texto literário é uma forma do ser humano reagir ante as insatisfações do mundo real, pois o universo ficcional permite ao leitor a fuga da realidade, concedendo-lhe a oportunidade de reconstruir o mundo por meio da palavra e, assim, recriar nas histórias inventadas um mundo diferente ao que vivemos. No entanto, cumpre destacar que a linguagem literária não pode substituir o mundo, tampouco, representá-lo fielmente, pois até narrar uma história, mesmo que de forma fiel é reinventá-la. Logo, a linguagem é capaz de aludir ao mundo e evocá-lo, mas não de substituí-lo.

Em se tratando de produção de sentidos, é necessário observar os elementos contextuais que formam o texto, ou seja, compreender a partir de qual contexto o cronista compõe os acontecimentos, pois os problemas sociais, em sua maioria, alicerçam as obras amarrando-as ao mundo que vivemos, exprimindo o homem e, em seguida, atuando sobre sua formação.

Na crônica “Já não se fazem pais como antigamente”, de Lourenço Diaféria, o autor retrata temas da vida cotidiana e das relações pessoais, com uma linguagem simples e próxima da oralidade, aproxima o leitor do conteúdo narrado, possibilitando-lhe adentrar no mundo ficcional e, ao mesmo tempo, permitindo-o inferências, possíveis sentidos que atuam em seu processo de formação, pois se aproximam de suas experiências cotidianas e pessoais.

Nessa conjuntura, a narrativa de Diaféria adquire significação e sentido pela forma que os conteúdos são apresentados. Sendo assim, o uso de uma expressão correlata a outra já bastante conhecida e comum em nossa sociedade - “Já não se fazem pais como antigamente” - provoca o leitor, desde o título, por meio de duas possibilidades comunicativas (referenciais e emotivas). Isto porque a língua nos possibilita uma série de referências e dependendo do contexto e das circunstâncias em que é empregada, assume valor emotivo, assim como, em dada circunstância, uma série de expressões de valor emotivo podem assumir valores referenciais.

Nesse sentido, o emprego do título na crônica diaferiana assume valores referenciais quanto à ascensão profissional feminina. Além das mudanças culturais, tem

se modificado os padrões das famílias contemporâneas, ou seja, a mulher em muitos casos tem assumido o posto de chefe de família e o homem, que antes era o único provedor do lar, já não é o único que desempenha essa função.

Dito de outra forma, o signo usado prevê conotações ao leitor que podem ser associadas às suas memórias de uma figura paterna que existiu em uma outra época/contexto, assim como pode sugerir aceções acerca dos novos pais da sociedade atual e os papéis a serem desempenhados por eles. Desse modo, o significado reflete sobre o significante pai, fazendo com que o significado seja multiforme e não unívoco, possibilitando novas reflexões ao leitor (ECO, 1979).

Conforme já dito, o título também faz alusão ao ditado popular “já não se fazem filhos como antigamente”. Remonta ao discurso em que apenas o adulto possuía voz e as crianças estavam sempre erradas ou delegadas a segundo plano. Nesse sentido, o título utiliza o próprio discurso do adulto para questionar/denunciar seu comportamento diante da educação das crianças. O advérbio “já” remonta a um tempo em que “o fazer pais” ainda era possível. Importante lembrar que o autor emprega o substantivo “pais” no plural e não apenas “pai”. Portanto, a crítica pode ser entendida tanto para o comportamento do homem presentificado no boneco quanto para a mãe que parece encantada demais com a figura masculina para perceber os sentimentos do filho. Assim, o título sugere ao leitor sentidos e impressões negativas acerca do comportamento dos pais na sociedade atual.

O posicionamento do narrador

O narrador também se configura como importante elemento na crônica, pois segundo Benjamin (1987) o narrador pode recorrer a todo acervo de uma vida, incluindo não apenas sua própria experiência, mas em grande escala a experiência alheia. Podemos dizer, portanto, que o narrador incorpora à narrativa a experiência dos seus ouvintes tanto quanto a sua experiência, sendo que apresenta a história ao leitor a partir do seu ponto de vista.

Percebemos a afirmativa de Walter Benjamin se concretizando na narrativa de *Diaféria* ainda nos primeiros parágrafos. Pelo não-dito, o narrador deixa o espaço para o leitor inferir que o menino havia passado o dia inteiro sozinho e que fora ele próprio a receber “o móvel” da loja. O que por si só já produz o efeito no leitor de perceber que,

assim como em outras épocas, a criança está relegada a segundo plano e a mulher acumula responsabilidades a mais devido à ausência paterna.

A grande caixa foi descarregada do caminhão com cuidado. De um lado estava escrito assim: “Frágil”. De outro lado estava escrito: “Este lado para cima”. Parecia embalagem de geladeira, e o garoto pensou que fosse mesmo uma geladeira. Foi colocada na sala, **onde permaneceu o dia inteiro.**

À noitinha a mãe chegou, viu a caixa, mostrou-se satisfeita, dando a impressão de que já esperava a entrega do volume (DIAFÉRIA, 1981, p.26, grifo nosso).

Os dois primeiros parágrafos da crônica, reproduzidos acima, já antecipam ao leitor que uma espécie de móvel havia chegado à casa e que tal objeto ainda é “frágil”. Ou seja, precisa de cuidados especiais, mas não se refere a nenhum adulto recebendo a caixa como seria de se esperar. O uso do substantivo feminino “à noitinha”, usado pelo narrador para informar o horário que a mãe chegou em casa, sugere ao leitor que no contexto familiar contemporâneo, geralmente, as mulheres se ausentam de suas casas para o trabalho em período integral, tendo em vista cumprir com suas obrigações e responsabilidades quanto ao sustento do lar e dos filhos.

Nesse sentido, o narrador deixa vazios para o leitor preencher, pois o joga frente a uma sociedade que nos deparamos todos os dias, onde as mulheres necessitam se ausentar do lar e dos cuidados com os filhos para trabalhar em período integral e muitas delas, por necessidade, deixam os filhos sozinhos em casa, revelando, assim, uma grande problemática que acomete a sociedade moderna: a ausência dos pais na vida e educação dos filhos.

O narrador apresenta-se como onisciente, pois demonstra ser um conhecedor da problemática por ele exposta; descreve a narrativa com riqueza de detalhes e aproxima leitor e texto. Apesar de tal aspecto ser um fato, não podemos deixar de observar também o distanciamento do próprio narrador. Como se estivesse apenas assistindo aos acontecimentos sem se envolver, mas, ao mesmo tempo, procurando influenciar o leitor a ver os fatos a partir de sua própria ótica, ainda que indireta e sutilmente.

Ainda que de forma sutil, quase desinteressadamente, a crônica propõe que a conquista da mulher no mercado de trabalho tem permitido sua ascensão pessoal e

profissional. No entanto, ao mesmo tempo, seus deveres têm conferido a ela uma enorme sobrecarga de trabalho e responsabilidades devido ao acúmulo de funções.

No decorrer da crônica, o narrador revela que a personagem “mãe” compra uma espécie de boneco eletrônico com intuito de ter um companheiro que pudesse lhe ajudar e também ocupar o espaço do pai que era ausente na vida do filho. O boneco era perfeitamente igual a um homem e, além disso, poderia fazer quase tudo que um “pai de verdade faria”. A chegada do boneco no ambiente familiar, de certo modo, proporcionava conforto à mãe por saber que teria uma espécie de companheiro para lhe ajudar com os serviços domésticos e ao mesmo ocupar e suprir a ausência paterna na vida do filho.

O narrador envolve o leitor numa atmosfera de expectativa acerca das capacidades do boneco, evidenciando ações positivas por ele realizadas, tais como: sorrir, lavar pratos, limpar casa. Contudo, em seguida, rompe com as expectativas do leitor de que o boneco pudesse de fato ocupar o lugar de um pai de verdade, pois, a sequência de suas ações revela que aquele aparelho eletrônico era programado para agir de forma similar aos homens educados no contexto tradicional, ou seja, homens autoritários, dominadores, austeros e que não dispunham de capacidade/vontade de auxiliar e contribuir nos cuidados com os filhos.

O narrador utiliza ainda de expressões populares e ironias como recurso linguístico para enfatizar negativamente a ausência da figura paterna no contexto familiar atual e produzir diversos sentidos que atuam sobre a autoidentificação do leitor e (por que não?) na formação do leitor. Isto significa dizer que a capacidade que o texto possui de convencer o leitor depende mais da sua organização, que da referência ao mundo exterior, ou seja, o modo como o autor organiza o texto é capaz de comunicar o sentimento da vida e da verdade, porque é literariamente eficaz. Assim, a linguagem aproxima e provoca o leitor repercutindo e atuando sobre ele e o caráter estético confere valor a obra, estimulando sua leitura (CANDIDO, 2011).

A atual condição da mulher frente à família contemporânea

A luta pelo rompimento com o patriarcado tem permitido às mulheres alcançarem autonomia financeira e, também, proporcionado diversas discussões acerca das relações de gênero na sociedade, contribuindo para desmistificar definições

socialmente construídas quanto o que seria natural ao sexo “masculino” e “feminino”, pois ser homem ou mulher vai além do feito biológico. As experiências sociais têm influenciado homens e mulheres na construção de seus papéis dentro da família, proporcionando relações mais democráticas que visam direito à igualdade e respeito a diferença (STREY, 2007).

Nesse sentido, a crônica aqui analisada denuncia as diferenças nas relações sociais entre os membros da família patriarcal na contemporaneidade, mas também a crônica de Diaféria revela ao leitor as novas formações de família na sociedade contemporânea, que subvertem o modelo patriarcal.

O menino quis saber o que era, se podia abrir. A mãe pediu paciência, no dia seguinte viriam os técnicos para instalar o aparelho. **O equipamento, corrigiu ela, meio sem graça.**

Era um equipamento. Não fosse tão largo e alto, podia-se imaginar um conjunto de som, talvez um sintetizador. A curiosidade aumentava. À noite o menino sonhou com a caixa fechada. (DIAFÉRIA, 1981, p.27, grifo nosso).

O excerto acima mostra que, mesmo após a entrada da mulher no mercado de trabalho e a conquista de sua independência financeira e pessoal, ainda existe comportamentos sociais que refletem e reproduzem fortemente os padrões tradicionais sustentados pela sociedade patriarcal e que ainda influenciam na formação dos sujeitos, contribuindo para uma visão distorcida acerca dos papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres na sociedade, sobretudo dentro da família, onde a mulher cabe a função de esposa-mãe, a educação dos filhos e as atividades domésticas. Enquanto ao homem é destinado o espaço público, posto em posição de superioridade em relação aos demais membros da família.

É importante ressaltar que “a mãe” faz questão de dizer que é “um equipamento” e não um aparelho. Linguisticamente, a palavra aparelho é algo descartável ou relegado a conceito supérfluo. Já equipamento remete a algo necessário. Algo que faz falta para o desempenho de alguma atividade. Assim, o leitor é levado a perceber que a mulher considera necessária a presença masculina. Nos vazios da narrativa, o leitor tem a oportunidade de perceber que a própria mulher contemporânea não percebe ainda a sua própria capacidade de viver sozinha. Não percebe ainda que a presença masculina, enquanto laço matrimonial, na configuração da família

contemporânea, se não desnecessária, pelo menos é dispensável. Isto porque o conceito de família por muito tempo foi entendido como a casa sendo o cenário do amor conjugal, a figura do homem convertida integral a figura de pai, detentor da autoridade e a figura da mãe como um ser amoroso, configurando a fraqueza da mulher, justificada por seu caráter biológico, cabendo-lhe apenas ser mãe. Tal fato não só acarretou na opinião cristalizada de dependência da mulher quanto ao homem como também impôs a imagem familiar heteronormativa. A crônica mostra que algumas mães-solo se sentem muito além de solitárias, sentem-se culpadas por não terem a presença do homem consigo para perpassar a ideia de família verdadeira para a sociedade.

A forma como o narrador descreve as ações do equipamento paterno revelam ao leitor a figura de um pai constituído nos moldes do patriarcalismo, ou seja, um indivíduo autocrático, ao qual os demais membros da família deveriam se subordinar. Desse modo, vemos a forma influenciando no conteúdo da narrativa. Na mesma sequência das descrições do “robô-pai” revelado como figura magistral, o narrador descreve ainda, uma série de atividades domésticas também desempenhadas pelo equipamento paterno, as quais possibilitam o leitor reconhecer suas experiências particulares e atribuir sentido ao texto, conforme destacamos no excerto a seguir:

O filho entrou na sala, acanhado diante do artefato estranho: era um boneco, perfeitamente igual a um homem adulto. Tinha cabelos encaracolados, encanecidos nas têmporas, usava Trim, desodorante, fazia a barba com gilete ou aparelho elétrico, **sorria, fumava cigarros king-size, bebia uísque, roncava, assobiava, tossia, piscava os olhos – às vezes um de cada vez – assoava o nariz, abotoava o paletó, jogava tênis, dirigia carro, lavava pratos, limpava a casa, tirava o pó dos móveis, fazia strogonoff, acendia a churrasqueira, lavava o quintal, estendia roupa, passava a ferro, engomava camisas**, e dentro do peito tinha um disco que repetia: “Já fez a lição? Como vai, meu bem? Ah, estou tão cansado! Puxa, hoje tive um trabalhão dos diabos! Acho que vou ficar até mais tarde no escritório. Você precisava ver o bode que deu hoje lá na firma! **Serviço de dono-de-casa nunca é reconhecido!** Meu bem, hoje não!” (DIAFÉRIA, 1981, p.27, grifos nossos)

Nesse sentido, o narrador utiliza a figura do “robô-pai” para evidenciar as diferentes tarefas exercidas pela mulher e pelo homem socialmente, estritamente no contexto familiar, denunciando que as mulheres sempre foram destinadas ao serviço doméstico do qual não recebem reconhecimento algum, pois era (e ousamos dizer que

ainda é) uma atividade vista como natural à condição da mulher-mãe-dona de casa, enquanto o homem usufrui de privilégios, regalias e liberdades, conforme destaca o narrador: “fumava cigarros, bebia uísque, roncava, assobiava, jogava tênis”. Em outras palavras, a condição de superioridade construída socialmente em favor do homem o coloca em posição de benefício perante a mulher, a sociedade, aos filhos e as atividades domésticas no contexto familiar, relegando à mulher a condição de subalterna.

A narrativa de Diaféria expõe ainda que a imposição social de um modelo de família, causa exclusão daquelas consideradas fora do “padrão” social, como os celibatários, a comunidade LGBTQI+, as mães-solo, dentre outras configurações familiares que não se encaixam às normas estabelecidas para a formação da família patriarcal heteronormativa e ficam à margem do que a sociedade considera padrão e ideal.

Nessa perspectiva, o modo de representação utilizado pelo autor para evidenciar os acontecimentos na crônica corroboram com os conhecimentos já ordenados dentro da realidade existente, exprimindo, assim, significação ao leitor e, por isso, a obra é literariamente elaborada. Dito de outra forma, a crônica “se ajusta a sensibilidade de todo dia (CANDIDO, 1992, p. 13)”, se relaciona com conhecimentos da realidade, tratando de assuntos aparentemente efêmeros e que se aproximam do modo de ser do leitor e, assim, ela nos humaniza em sentido profundo porque nos faz viver e nos reconhecer dentro daquela realidade por ela exposta.

Considerações finais

Em termos gerais, a crônica assume papel importante, pois ela trata de assuntos aparentemente leves e descompromissados, mas que comunicam ao leitor mais do que uma visão intencional da vida do homem. Mesmo tratando de assuntos corriqueiros, evidencia neles uma grandeza, permitindo ao leitor explorar e formular sentidos, além de oferecer possíveis críticas sociais em virtude da sua pluralidade de significados. Assim, forma e o conteúdo permitem ao leitor expandir seu horizonte de expectativas, pois sua importância não se deve por ela expressar um aspecto da realidade, mas sim a maneira como faz (CANDIDO, 2000)

Diaféria deslinda o fato de que, seja qual for a mensagem (se política, ética ou religiosa ou filosófica) tem eficiência dentro do texto literário desde que reduzida a

estrutura literária, que confirmará seu sentido a depender da forma que foi empregada, ou seja, se o plano estético funcionar, as experiências literárias nos permitirão vivenciar diversos efeitos de sentido, a partir dos quais o leitor pode atribuir valor a obra por meio da interpretação da realidade.

Conforme afirma Candido (2000), a literatura provoca o leitor para a fantasia e ficção, ela dá forma aos sentimentos e à visão de mundo do leitor. Nesse contexto, a crônica “Já não se fazem pais como antigamente”, de Lourenço Diaféria, aqui por nós discutida, revela, por meio do universo ficcional, a transformação das famílias contemporâneas, desnuda os novos papéis assumidos pela mulher no mundo atual/moderno, além de elevar sua crítica ao sistema patriarcal constituído ao longo dos anos na sociedade, em que o homem é reconhecido como o chefe da família e a mulher é posta como submissa às vontades do marido, sendo considerada a “rainha do seu lar”.

A narrativa da crônica se constrói como uma crítica a ausência da figura paterna dentro do contexto familiar e, além disso, evidencia as desigualdades das condições de trabalho entre homens e mulheres, pois revela que as mulheres transcenderam o espaço doméstico conquistando a vida pública, mas ao mesmo tempo que conquistaram espaço e independência financeira, elas adquiriram uma enorme sobrecarga de trabalho, muitas vezes tendo que conciliar o emprego com as atividades domésticas, os cuidados com os filhos e o marido. Diaféria nos apresenta um texto com um arranjo aparentemente solto, mas que se ajusta à sensibilidade de todo o dia, permitindo ao leitor mergulhar na profundidade de suas palavras.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BILAC, E. D. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil: notas muito preliminares. Em I. Ribeiro & A. C. Ribeiro (Orgs.). *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 43-61.

CANDIDO, Antonio. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v.24, n^o9, p.806-9, set., 1972.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6^a. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

DIAFÉRIA, Lourenço. Já não se fazem pais como antigamente. In: *Para gostar de ler*. v 7. Crônicas, São Paulo: Ática, 1981. p. 26-28.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MOISÉS, L. P. A Criação do Texto Literário. In: *Flores da escrivantina*. Companhia das Letras, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa II*. 20.ed. Editora Cultrix: 1995.

STREY, M. N. Gênero, família e sociedade. In: STREY, M. N.; NETO, J. A. S. & HORTA, R. L. (orgs). *Família e Gênero*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

Recebido em 05/02/2023

Aprovado em 15/05/2023